

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE O STATUS DOS *BLENDS* NO LÉXICO DO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Emerson Viana BRAGA¹

Vera PACHECO²

DOI: <http://dx.doi.org/10.21165/gel.v21i1.3708>

Resumo: O *blend* é uma operação morfológica caracterizada pela junção de duas bases, formando uma terceira. O fenômeno se aproxima do processo da composição. Sua grande singularidade, entretanto, está no fato de apresentar alguma ruptura em sua formação. Essa ruptura, segundo Gonçalves (2006, 2016), Andrade e Rondinini (2016), caracteriza o processo como não concatenativo, pois apresenta supressão de material fonológico, como em *bicitáxi* (*bicicleta+táxi*), enquanto os compostos mantêm a integridade das bases, como em *amor-perfeito*. Como forma de discutir o *status* que o *blend* assume no léxico, propomos, neste trabalho, averiguar se o processo se aproxima ou se distancia da composição. Mediante isso, o seguinte questionamento foi levantado: qual é o *status* morfológico do *blend* no léxico do PB? Nossa hipótese é a de que o *blend* seria um processo de formação de palavras independente do processo de composição que une duas palavras para gerar uma terceira. Fizemos um levantamento de 750 *blends*, observando os aspectos fonológico e semântico, importantes na formação do fenômeno. Nossos resultados apontam que, fonologicamente, o *blend* distingue-se da composição, porque o primeiro é formado por não concatenação, enquanto o segundo se caracteriza como concatenativo, como já apontava Gonçalves (2006, 2016). Quanto ao aspecto semântico, compostos tendem a ser mais exocêntricos, ao passo que *blends* se configuram como mais endocêntricos.

Palavras-chave: Blend. Léxico. Português brasileiro.

1 Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Vitória da Conquista, Bahia, Brasil; emevibra@hotmail.com; <https://orcid.org/0000-0002-5738-3829>

2 Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Vitória da Conquista, Bahia, Brasil; vera.pacheco@hotmail.com; <https://orcid.org/0000-0002-7986-7701>

- | Algumas considerações sobre o *status* dos *blends* no léxico do português brasileiro

SOME CONSIDERATIONS ON THE STATUS OF BLENDS IN THE LEXICON OF BRAZILIAN PORTUGUESE

Abstract: The blending is a morphological operation characterized by the merging of two bases, forming a third. The phenomenon resembles the process of composition. Its great uniqueness, however, lies in the fact that it presents some disruption in its formation. This disruption, according to Gonçalves (2006, 2016), Andrade and Rondinini (2016), characterizes the process as non-concatenative, as it involves the suppression of phonological material, as in «bicitáxi» (bicycle+taxi), while compounds maintain the integrity of the bases, as in «amor-perfeito» (perfect love). In order to discuss the status that the blend assumes in the lexicon, we propose, in this work, to investigate whether the process approaches or distances itself from composition. In light of this, the following question was raised: What is the morphological status of the blend in the Brazilian Portuguese lexicon? Our hypothesis is that the blend would be a word formation process independent of the composition process that joins two words to generate a third. We surveyed 750 blends, observing the phonological and semantic aspects, which are important in the formation of the phenomenon. Our results indicate that, phonologically, the blending distinguishes itself from composition, because the former is formed by non-concatenation, while the latter is characterized as concatenative, as previously noted by Gonçalves (2006, 2016). As for the semantic aspect, compounds tend to be more exocentric, whereas blends are configured as more endocentric.

Keywords: Blending. Lexicon. Brazilian Portuguese.

Introdução³

A criatividade linguística na formação de novas palavras é um fenômeno fascinante que demonstra a capacidade dinâmica e flexível das línguas. Essa criatividade pode se manifestar de várias maneiras, incluindo processos como neologismo, empréstimo, derivação. Além desses processos, há o *blend*, um típico fenômeno morfológico que une duas bases a partir de outras já existentes na língua (cf. Gonçalves, 2006; Silva, 2019), a exemplo de *chafé* (*chá* + *café*). Aqui, a base 1 mescla-se à parte final da base 2 para criar nova palavra que descreve um café considerado fraco. A grande singularidade do *blend* está no fato de apresentarem alguma ruptura fonológica: a base 2 tem a sua primeira sílaba suprimida.

³ O presente trabalho foi realizado com apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB/Brasil).

Nesse sentido, uma das maiores discussões, na literatura, sobre o fenômeno do *blend*, é qual o seu lugar na Morfologia. Por envolver, em sua formação, a combinação de duas palavras, o processo se aproxima dos processos clássicos de composição: justaposição e aglutinação. Contudo, Villalva (2020) discute que o processo da composição opera a partir da concatenação entre duas palavras, mantendo todo o corpo fônico, como em *amor-perfeito*. Os *blends*, por outro lado, apresentam uma ruptura em sua formação, como em *almojanta* (*almoço + janta*), *brasiguai* (*Brasil + paraguai*). Portanto, a distinção nos elementos que formam o fenômeno está no fato de que “todos, ou ao menos um, sofrem diminuição de seu corpo fônico” (Sandmann, 1993, p. 76).

Ainda que haja rompimentos no processo de formação do *blend*, é evidente que há semelhanças entre ele e os compostos, uma vez que todos esses processos unem duas bases para formação de uma terceira. Nesse sentido, como forma de explicar, mais claramente, os aspectos e as motivações para a formação dos *blends* e da sua aproximação e distanciamento com os compostos, trataremos, a seguir, considerações fonológicas, morfológicas, sintáticas e semânticas concernentes ao nosso processo alvo.

Nosso intuito, neste trabalho, é fazer uma descrição do fenômeno, observando qual o *status* morfológico que ele apresenta na língua de modo geral. A partir disso, então, levantamos o seguinte questionamento: qual é o *status* morfológico do *blend* no léxico do português brasileiro? Nossa hipótese é a de que o *blend* seria um processo de formação de palavras independente do processo da composição, assumindo um *status* diferente dos compostos. Objetivamos, portanto, propor que o *blend* assume um *status* morfológico no léxico independente da composição.

As discussões apresentadas por diversos estudiosos, ao longo deste texto, sobre as características dos *blends*, foram feitas com observações da coleta de um *corpus* constituído por 750 dados de palavras formadas por *blends*, retiradas de diferentes ambientes, como redes sociais, comunicações diversas ou, até mesmo, de outros trabalhos que analisaram o processo.

Dessa forma, além desta introdução, este artigo abordará as seguintes questões: na seção 1 serão apresentados os limites entre o *blend* e a composição. Na seção 2, por sua vez, apresentaremos algumas convergências e divergências entre *blends* e compostos. A seguir, na seção 3, traçaremos algumas perspectivas de análises sobre o lugar do *blend* no léxico do português brasileiro. Por fim, serão trazidas algumas considerações que chegamos deste trabalho.

- | Algumas considerações sobre o *status* dos *blends* no léxico do português brasileiro

Uma linha tênue entre o *blend* e a aglutinação

O *blend* é um fenômeno, tipicamente, morfológico que envolve duas palavras. Alves (1990), ao denominá-lo como palavra-valise, explana que o processo é resultado da união de pedaços de duas outras palavras. Na mesma esteira, Kemmer (2003) descreve o processo, por meio da Linguística Cognitiva, como palavras que são conectadas a outras que já existem na língua e as denomina como lexemas fonte em que ocorre uma coativação quando o *blend* é usado. Por exemplo, ao pensarmos em *blends* do PB, os lexemas fonte coativados para a formação de *democradura* são ‘democracia’ e ‘ditadura’.

Nesse sentido, já é sabido, na literatura de modo geral (cf. Andrade; Rondinini, 2016; Marangoni Jr., 2021), que há convergências e divergências entre o *blend* e o processo da composição. A maior convergência, talvez, esteja no fato de que ambos os processos acionam duas bases para formar uma terceira.

Entretanto, cabe, anterior às discussões, um esclarecimento importante acerca da composição: nem sempre é analisada como um processo que une, apenas, duas bases para formar uma terceira, o que denota ser tarefa difícil ter um conceito exato sobre a composição, pois “em uma abordagem estruturalista, define-se pela presença de dois ou mais radicais; em modelos teóricos de base gerativa, o mecanismo é compreendido como a utilização de estruturas sintáticas para fins lexicais” (Andrade; Rondinini, 2016, p. 863-864).

Said Ali (1966) discute que a composição é um processo que combina dois ou mais vocábulos que podem designar algum conceito novo, diferenciado dos termos aos quais corresponde. Plag (2018), contudo, assinala que, embora a composição seja gerada por mais de duas palavras, é demonstrado que, geralmente, é possível analisar palavras polimorfêmicas como estruturas hierárquicas envolvendo duas bases, o que a autora designa como subelementos binários.

A composição é caracterizada, por Bechara (2015), como um processo que junta dois elementos identificáveis pelo falante numa unidade nova, apresentando um significado único e constante. Além disso, Ralli (2010) já afirmava que a composição pertence aos processos de formação de palavras e que resulta da combinação de palavras para formar um novo item complexo. Sendo assim, Villalva (2020, p. 215) defende que “a composição é um processo de formação de palavras que opera por concatenação de dois ou mais radicais ou palavras”.

Villalva e Gonçalves (2016) discutem que a composição é um processo frequentemente associado ao processo do *blend*, porque há duas palavras que servem de

entrada para uma terceira forma. No entanto, segundo os autores, os *blends* são criados de maneira distinta, porque são criados pela interseção de bases ao invés de concatenação como ocorre nas palavras criadas por composição. Eles defendem, ainda, que o material fônico excluído não é previsível, como pode ser observado no exemplo trazido pelos autores, *crentino*, um *blend* que mescla as palavras *crente* e *cretino* para denominar um falso religioso. No exemplo, a imprevisibilidade é observada no ponto de quebra em que as bases se sobrepõem por meio da interposição lexical⁴, isto é, misturando-se por meio compartilhamento de material fônico (creNti + cretinu).

Em abordagens tradicionais sobre os processos de formação de palavra, a composição é dividida em dois tipos: justaposição e aglutinação. Na primeira, ocorre a junção de duas bases que preservam todos os segmentos que compõem a palavra formada, além de preservar o acento de ambas as bases, a exemplo de *cabra-cega*. No segundo, ocorre uma pequena ruptura em sua formação, sofrendo uma limitação vocabular entre as bases com a supressão de material fônico que pode ocorrer através da crase, *aguardente*, ou da elisão, *planalto*, e proporcionando que a palavra aglutinada mantenha apenas um acento lexical⁵. Como se vê, os compostos justapostos e os compostos aglutinados são similares aos *blends* por envolverem duas bases. A aglutinação assemelha-se, ainda mais, porque apresenta supressão de material fônico. Todavia, este processo morfológico apresenta algumas questões possíveis de serem discutidas por conta da sua lexicalização no português.

A primeira questão é que a aglutinação não é, a rigor, produtiva e ativa no português. Diferentemente dos compostos justapostos e dos *blends* que apresentam um número expressivo de palavras, os exemplos da aglutinação são, efetivamente, reduzidos, inclusive, quando usados para definir e caracterizar o processo em gramáticas (Cf. Quadro 1):

4 Andrade (2013) e Gonçalves (2019) separam os *blends* em três tipos: (i) interposição lexical, quando os *blends* compartilham material fônico (*namorido*); (ii) combinação truncada, quando os *blends* não compartilham material fonológico (*portunhol*) e (iii) substituição sublexical, quando uma das bases que forma o *blend* sofre a invasão de uma palavra, a exemplo de *boacumba*.

5 Cabe ressaltar que a descrição da aglutinação como crase ou elisão é indutiva, isto é, diz-se que é isso, porque há poucos casos, todos assim.

- | Algumas considerações sobre o *status* dos *blends* no léxico do português brasileiro

Quadro 1. Exemplos mais comuns de palavras aglutinadas no português

Palavras aglutinadas	Gramáticas
Aguardente	Nicola; Infante (1992); Infante (1997); Luft (2002); Rocha Lima (2003); Cunha (2007); Cegalla (2008); Cipro Neto; Infante (2008).
Boquiaberto	Luft (2002); Rocha Lima (2003); Cegalla (2008); Bechara (2015).
Embora	Cunha (2007); Cegalla (2008).
Fidalgo	Nicola; Infante (1992); Cegalla (2008); Bechara (2015).
Penalta	Luft (2002); Infante (1997); Rocha Lima (2003); Cunha (2007); Cegalla (2008); Cipro Neto; Infante (2008).
Pernilongo	Rocha Lima (2003); Cegalla (2008)
Planalto	Nicola; Infante (1992); Infante (1997); Luft (2002); Rocha Lima (2003); Cegalla (2008); Cipro Neto; Infante (2008); Bechara (2015).
Vinagre	Nicola; Infante (1992); Infante (1997). Cipro Neto; Infante (2008).

Fonte: Elaboração própria

Os exemplos que costumam ser usados quase sempre são *aguardente*, *boquiaberto*, *embora*, *fidalgos*, *penalta*, *pernilongo*, *planalto*, *vinagre*. Alguns gramáticos (Cunha, 2007; Cipro Neto; Infante, 2008) discutem que o processo da aglutinação pode ser formado, também, por *compostos eruditos*, uma “nomenclatura científica, técnica e literária [...] fundamentalmente constituída de palavras formadas pelo modelo da composição greco-latina, que consistia em associar dois termos [...]” (Cunha, 2007, p. 122). Dessa feita, é possível inferir que, além de não serem produtivos na língua, alguns aglutinados “podem ser de natureza híbrida, quando duas raízes de origens distintas se associam” (Schwindt, 2000, p. 56), ou até, não terem natureza no português, a exemplo de *vinagre*, *vinho* (*vinum*) + *acre* (*azedo*), por exemplo, que surgiu do latim, consolidou-se no francês e, depois, propagou-se no português.

A segunda questão é que aglutinados comportam-se como palavras simples no léxico, uma vez que não têm suas bases recuperadas pelos falantes e, com isso, portam apenas o acento primário (cf. Villalva, 2020, p. 218). A palavra *pernilongo*, por exemplo, é formada pelas bases *perna* + *longo*, mas dificilmente o falante associa o aglutinado como formado por duas palavras. Villalva (2020) argumenta que as sequências com simplificação estrutural são evidências de processos de formação que estiveram presentes em estágios anteriores da língua, mas que não devem ser incorporadas à descrição do processo de composição atualmente em vigor na língua. Assim, constata a linguista:

Diacronicamente, existem palavras formadas na origem por composição sintática que, por diversos fatores, como a frequência de uso ou a perda de composicionalidade semântica, apresentam hoje redução da estrutura fonológica, resultando em palavras simples [...]. Em geral, trata-se de nomes que tradicionalmente se analisavam como “aglutinados” e são em número muito reduzido (Villalva, 2020, p. 259).

Os argumentos de Villalva (2020) são importantes para compreendermos que determinados processos morfológicos, especificamente a aglutinação, aparentam ter perdido relevância ao longo do tempo. Rocha (1983, p. 51, grifo do autor) assinala, ainda, que sincronicamente, “não é possível estabelecer que *embora, fidalgo* [...] sejam vocábulos compostos, apesar de algumas gramáticas descritivas citarem-nos como tal”.

Além de ser um número reduzido na língua, a aglutinação é um processo que não ocorre só no nível morfológico e pode ser encontrada, também, no âmbito sintático do português, especialmente em situações de degeminação. Tenani (2006), por exemplo, por meio de uma análise de domínios prosódicos, defende que ocorre sândi externo em todas as fronteiras prosódicas. O exemplo usado pela autora, *laranjamarela* (*laranja amarela*), é similar ao que ocorre com *aguardente*, combinação de *água + ardente*. A elisão, outro processo que ocorre com alguns aglutinados, como *planalto* (*plano + alto*), pode ser vista em situações como *todalegre* (dos sintagmas *todo alegre*).

Então, dados como esses sinalizam que esse tipo de processo não parece ser próprio de um processo morfológico, propriamente dito de composição, ativo na língua. Além disso, apontam o quão fundamental é uma descrição mais atualizada da língua portuguesa. Com isso, os *blends* parecem emergir como um processo morfológico que lida com duas bases, pois é bastante produtivo e ativo no português. A partir dessas discussões, traçaremos, na próxima seção, convergências e divergências entre os compostos justapostos e os *blends*.

Divergências e convergências entre *blends* e compostos

O *blend* é um processo passível de ser analisado sob diferentes aspectos, um deles é o fonológico, uma vez que ocorre, majoritariamente, supressão de material fônico em sua formação. Gonçalves (2006, 2016, 2019) afirma que o fenômeno se caracteriza como não concatenativo. Sobre esse conceito de concatenatividade, ou não, para os processos morfológicos, o linguista afirma que será um processo concatenativo, quando “uma informação morfológica termina exatamente no ponto em que a outra começa,

- | Algumas considerações sobre o *status* dos *blends* no léxico do português brasileiro

como em ‘des-tucan-iz-a-ção’” (Gonçalves, 2019, p. 68). Por outro lado, um processo não concatenativo se caracteriza “pela falta de encadeamento, de linearidade, isto é, há visivelmente uma informação morfológica que não necessariamente se dá por adição” (Gonçalves, 2019, p. 68). Dessa forma, nos processos não concatenativos há uma fusão, sobreposição, encurtamento, rompimento entre as bases, e não, necessariamente, um encadeamento, como nos processos concatenativos.

Gonçalves (2019, p. 152) adota a noção de não concatenativo para tratar do fenômeno, pois defende que não há um encadeamento na junção entre as bases, ou seja, ocorre um rompimento em sua formação. Em *maravilinda* (*maravilhosa* + *linda*), por exemplo, há uma ruptura na junção das bases, ocasionando supressão de segmentos, diferentemente do que ocorre com *amor-perfeito* que mantém toda unidade fonológica na formação da palavra e, por isso, é formado por meio da concatenação.

Nesse sentido, os *blends* se diferenciam do processo de composição por apresentarem uma ruptura em sua formação, ou seja, decorrem da falta de encadeamento em uma sucessão concatenativa da(s) base(s) que estão envolvidas no processo. Em *futelama*, por exemplo, junção de *futebol* + *lama*, ocorre a supressão da sílaba /bɔL/ na base da esquerda. Exemplos de compostos, como *guarda-roupa*, *cavalo-marinho*, mantêm todos os segmentos da base.

Marangoni Jr. (2021) aponta que o fenômeno, morfológicamente, se dá por adição. Assim, argumenta o linguista:

O rompimento da sucessão linear das bases em tais processos decorre principalmente da perda de material fonológico ou da sobreposição fonológica e desafia uma visão da morfologia enquanto algo essencialmente concatenativo e que se revela por meio da adição bem comportada de peças morfológicas; a morfologia é, nessa visão, essencialmente aditiva (Marangoni Jr. 2021, p. 21).

O autor se vale de uma análise do *blend* voltada para aspectos morfossintáticos, morfofonológicos e morfopragmáticos, explicando que, assim, ocorre uma sistematicidade no comportamento da maioria dos *blends*, que, segundo ele, assemelha-se à sistematicidade encontrada na composição (Marangoni Jr., 2021).

Marangoni Jr. (2021), ainda, argumenta que a não concatenatividade do fenômeno ocorre no nível fonológico e não no morfológico. A formação do processo parte de duas palavras e, por isso, pertence ao nível morfológico. No entanto, a ruptura só acontece no nível fonológico, uma vez que “a não manutenção da sucessão linear das bases [...] se dá

justamente por fatores fonológicos e, principalmente, prosódicos, que estão atuantes na formação do resultado ótimo⁶ (Marangoni Jr., 2021, p. 29).

Andrade e Rondinini (2016, p. 877) explicam que os *blends* “são construídos por um mecanismo que não opera necessariamente com o encadeamento de porções morfológicas e, por isso mesmo, necessita de informações fonológicas, tais como a posição do acento nas palavras-base”. Os linguistas argumentam que, além da posição do acento, outras informações fonológicas são importantes para o encadeamento de porções morfológicas, tais como o grau de semelhança e a natureza estrutural da sequência compartilhada entre elas, “para que as estruturas prosódica e segmental das bases sejam preservadas” (Andrade; Rondinini, 2016, p. 877).

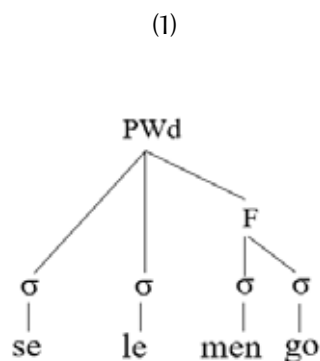
Por essa razão, defenderemos a postulação de Gonçalves (2006, 2016, 2019), Villalva e Gonçalves (2016) e Andrade e Rondinini (2016) para quem o *blend* é um fenômeno não concatenativo. Apesar de ser um fenômeno de natureza morfológica, a ruptura que ocorre no nível fonológico, com supressão de material fônico, caracteriza os *blends* como um processo não concatenativo, sobretudo, quando temos o processo da composição – que também é criado a partir de duas palavras –, os justapostos, como parâmetro.

A questão é que, como defende Gonçalves (2004, p. 24), nos *blends*, “o que segue ou o que precede o ponto de quebra nem sempre é um constituinte morfológico”, o que o torna um processo distinto ao da composição. Este último mantém um encadeamento em sua formação. Dessa maneira, no processo de composição, a adição se dá a partir da sequência concatenativa em que são formados. Nos *blends*, por outro lado, ocorre uma ruptura, uma falta de encadeamento, uma não concatenatividade e, por fim, ocorre a adição, juntando uma base à outra. Tomemos o exemplo de *chafé* (*chá + café*) que suprime a primeira sílaba da base da direita, /ka/, e, após isso, soma-se à base da esquerda, formando, assim, o *blend*.

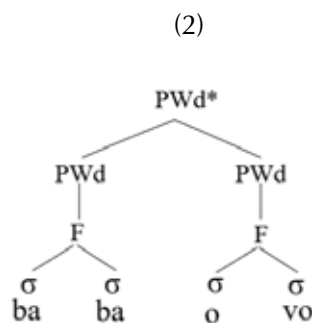
Exemplos como os compostos justapostos, como *cavalo-marinho*, primam pela integridade lexical das palavras-fonte e “são indícios do encadeamento preservado na composição, visto que a segunda base só começa no ponto em que a primeira acaba” (Silva, 2019, p. 41). Em contrapartida, o *blend* corresponde a um processo morfológico que acessa informações fonológicas, por isso, ser considerado como um fenômeno não concatenativo (Gonçalves, 2004). Abaixo, em (1) e (2), é possível observar como são projetadas as formações do composto e do *blend*, propostas por Gonçalves (2004), respectivamente:

⁶ Marangoni Jr. (2021) faz uma análise do *blend* à luz de um modelo híbrido da Otimidade Distribuída (Teoria da Otimidade e Teoria da Morfologia Distribuída). Por isso, utiliza o termo “ótimo” ao se referir ao *blend*.

- | Algumas considerações sobre o *status* dos *blends* no léxico do português brasileiro



Fonte: Gonçalves (2004, p. 25)



Fonte: Gonçalves (2004, p. 25)

A arquitetura em (1) mostra que a palavra formada por composição é projetada em duas palavras prosódicas, enquanto em (2), o *blend* é projetado como uma palavra prosódica (PWd)⁷ (Gonçalves, 2004). Gonçalves (2004, p. 14) defende, ainda, que

[...] condições prosódicas devem ser satisfeitas no molde das Mesclas, de modo que o processo não é arbitrário, mas regido sobretudo pela semelhança fônica entre as bases [...]. A sistematicidade dessa operação só pode ser observada na interação Morfologia-Prosódia, o que difere Mesclagem de Composição, fazendo do primeiro uma operação circunscritiva e do segundo um processo aglutinativo.

Essa diferença na formação dos processos levanta sugestões, como a de Plag (2018), que defende que *blends* podem ser mais bem definidos a partir de análises de categorias prosódicas, pois estão sujeitos a três tipos de restrições: estrutura silábica, tamanho e tonicidade.

O aspecto fonológico parece-nos uma boa proposta para análise da formação do *blend*, mas é preciso levar em consideração, também, o aspecto semântico. Sendo assim, é possível considerar que as partes das palavras que formam o *blend* levam as informações semânticas consigo. Em *namorado*, *blend* formado por *namorado* e *marido*, as porções significativas são mantidas na parte inicial da base 1 e na parte final da base 2 para indicar uma pessoa que está com o *status* de namoro, mas mantém uma vida de casado. Nessa perspectiva, as partes preservadas na base, para *output*, são similaridades decompostas e interpretadas morfossemanticamente (cf. Silveira, 2002; Rio-Torto, 2014), de modo que o falante consiga conhecer e recuperar as unidades lexicais escolhidas para o nível fonético.

⁷ PWd é a sigla do inglês que, na Teoria da Fonologia Prosódica, refere-se a *prosodic word*, com tradução para o português como palavra prosódica.

Por esse motivo, Kemmer (2003) defende que o processo não se enquadra nos padrões da estrutura morfológica, porque não é constituído de morfemas plenos, isto é, não mantém todo material fônico em sua formação, como ocorre na composição⁸. Segundo a autora, as partes significativas das bases que se juntam são mínimas, ou seja, formadas por fragmentos fonológicos que resultam num significado. Logo, pensando nisso, pergunta-se se os *blends* são considerados efêmeros na língua por conta da supressão de material fônico ou a efemeridade do processo ocorre devido ao contexto de criação dos *blends*. Estes questionamentos podem ser mais bem discutidos em trabalhos sobre percepção, como forma de compreender o funcionamento do processo, não só quanto à efemeridade, mas também ao seu aspecto semântico-fonológico⁹.

Fato é que a convergência mais evidente entre *blends* e a composição é que ambos os processos formam uma palavra a partir de outras que já existem na língua. Dadas essas particularidades comuns aos dois processos, alguns estudiosos consideram o *blend* como um subtipo de composição (Adams, 1973; Basílio, 2005; Marangoni Jr., 2021). Basílio (2005) denomina como fusão vocabular os *blends* que compartilham material fônico, como *advogata*, em que a sílaba /ga/ está presente em ambas as bases, e os que não compartilham material fônico, a linguista denomina como um subtipo de composto, como *portunhol* (*português + espanhol*) que combina apenas partes da palavra. Esta é uma questão interessante, porque, por um lado, *-nhol* não funciona como um sufixo, mas como parte da segunda base que criou o *blend*. Por outro lado, há fragmentos que se repetem em diferentes formas, comportando-se como um afixo, quais sejam, os *splinters*, como *-nese* em *ovonese*, *camaronese* e *batatonese*.

Marangoni Jr. (2021) se vale de um modelo híbrido entre a Teoria da Otimidade, TO, e a Morfologia Distribuída, MD, denominado pelo estudioso como Otimidade Distribuída, para argumentar que o *blend* é um subtipo de composto. Marangoni Jr. (2021, p. 11) explica que

Sintaticamente, duas raízes já categorizadas estabelecem entre si uma dada relação sintática (subordinação, atribuição ou coordenação); em seguida, um morfema avaliativo se adjunge à estrutura sintática derivada até o momento e, por fim, um terceiro núcleo caracterizador é concatenado à estrutura de maneira a configurar o domínio da composição. O morfema avaliativo presente na estrutura sintática não altera nem a especificação categorial das

8 Talvez, por essa razão, o *blend* ser considerado, pela Morfologia Tradicional, como um processo marginal (cf. Silva, 2019).

9 Sugerimos a leitura dos trabalhos de Braga, Pacheco e Rocha (2022) e Braga (2023).

- | Algumas considerações sobre o *status* dos *blends* no léxico do português brasileiro

raízes categorizadas nem a relação sintática entre as raízes, sendo responsável unicamente por uma modificação sintático-semântica na codificação de uma leitura avaliativa por parte do falante acerca de uma dada entidade, de um dado objeto ou de uma dada situação.

No modelo adotado pelo autor, o aspecto fonológico é inserido tardiamente, de modo que toda formação de palavras é sintática. Ele defende, em sua dissertação, que os *blends* são um subtipo dos compostos caracterizado pela existência de uma leitura avaliativa (jocosidade, pejoratividade, etc.). Tais características, mencionadas por Marangoni Jr. (2021), são descritas em aspectos semântico-pragmáticos.

Nesse sentido, o linguista argumenta que, semanticamente, os *blends* seriam mais especializados em termos de uso, uma vez que geralmente fazem referência a algo jocoso ou pejorativo. Basílio (2003) já assinalava para a questão da leitura avaliativa, afirmando que o *blend* imprime significados mais expressivos por conta do *fator humorfológico*, próprio do fenômeno. A autora, também, argumenta que a recuperação dos fragmentos que formam um *blend* “depende fortemente do conhecimento do mundo para o efeito expressivo na interpretação” (Basílio, 2003, p. 4). Ela, ainda, constata que a predicação metonímica se torna completamente eficaz apenas quando se tem conhecimento prévio ou contexto adequado.

No âmbito morfossintático, Marangoni Jr. (2021) assume que os processos têm estruturas semelhantes, pois são formados por duas raízes concatenadas que estão em uma dada relação sintática entre si e essa relação pode ser de atribuição/modificação, como em *chafé*, o café considerado fraco ao ponto de se parecer com um chá; coordenação, como *briluz* que pode ser considerado algo que brilha e ao mesmo tempo reluz; e de subordinação, como em *sedanapo*, o guardanapo como sendo mais um tipo de seda.

Em suma, o autor discute que a diferença fonológica, entre *blends* e compostos, decorre dessa presença da avaliação no caso específico dos *blends*, ou seja, a fonologia seria a consequência de uma avaliação morfossintática e semântico-pragmática. Sua análise se diferencia de outros teóricos (cf. Piñeros, 2000; Gonçalves, 2003; Arndt-Lappe; Plag, 2013; Silva, 2019) que tomam, como ponto de partida, a análise do aspecto fonológico.

Sendo assim, a análise proposta por Marangoni Jr. (2021) se diferencia de outras, como a de Silva (2019) que considera que a ideia do avaliativo parece depender das possibilidades fonológicas, ou seja, não se cria um *blend* se não produzir um efeito bom, sonoramente. Em outras palavras, a criação de um *blend* depende das partes (elementos

fonológicos) que o formam para que haja transparência necessária a ponto de o falante recuperar tais bases, mas além disso, é importante, também, que esse *blend* apresente uma estrutura dentro dos padrões fonotáticos da língua.

Embora a fonologia possa ser a avaliação feita no final, os elementos fonológicos para a constituição desse *blend* contribuem para sua avaliação. Em outras palavras, a fonologia pode ser o último aspecto na avaliação, mas não seria apenas uma consequência natural, pois a escolha dos elementos fônicos é tão importante quanto o sentido de humor e a posição de cada base na formação do *blend*.

Em busca da lexicalização dos *blends* no PB

Para início de conversa, é importante salientar que a descrição e discussão desta seção foi feita a partir de um *corpus* composto por 750 dados. Para recolha de palavras constituídas como *blends*, observamos contextos de comunicações diversas, além de recorrer a ambientes virtuais, como Facebook, Instagram, Twitter e WhatsApp, onde tem aparecido um número bastante expressivo de palavras formadas pela operação morfológica.

Dito isso, Andrade e Rondinini (2016) comparam os processos da justaposição e da aglutinação com o *blend* na tentativa de entender o porquê de este último não receber um tratamento mais apreciado na literatura morfológica. Os linguistas iniciam suas discussões questionando se o processo é, ou não, um subtipo de composição e assumem que o *blend* deve ocupar um lugar de destaque entre os processos de composição e derivação e, por isso, incorporam, mesmo que parcialmente, uma análise das “propriedades fonológica, morfossintática e semântica relativas a estes dois relevantes mecanismos de enriquecimento lexical” (Andrade; Rondinini, 2016, p. 863).

Concordando com Gonçalves (2004), os autores argumentam que a principal diferença entre os processos é o fato de a composição preservar a estrutura e a pauta acentual das bases que se combinam, resultando em duas palavras prosódicas, enquanto o *blend* se caracteriza pela falta de encadeamento entre as bases, resultando em única palavra prosódica. Além disso, segundo os linguistas, a composição tende a gerar, quase sempre, substantivos em português (*cavalo-marinho*, *couve-flor*, *guarda-roupa*) a partir de diferentes formas (livres e presas) que se combinam conforme suas particularidades semânticas e gramaticais. Nota-se, portanto, que o tipo de categoria de produto, de fato, é um diferencial importante dos compostos. Por exemplo, em *guarda-chuva*, há a combinação de “guarda” (substantivo) e “chuva” (substantivo) para criar uma nova palavra que também é substantivo. Nesse contexto, a categoria gramatical das palavras envolvidas

- | Algumas considerações sobre o *status* dos *blends* no léxico do português brasileiro

é fundamental para determinar como elas se combinam e como a nova palavra funciona gramaticalmente.

Os *blends*, em contrapartida, podem gerar padrões morfológicos (cf. quadro 2), além de substantivo, como adjetivo e advérbio, aparentando ser mais flexível em relação às categorias gramaticais das bases originais.

Quadro 2. Padrões morfológicos de formação dos *blends* com bases da mesma classe gramatical

Base 1	Base 2	<i>Blend</i>	Classe de palavra
a. namorado (S)	marido (S)	namorido	Substantivo
b. extrovertido (A)	tímido (A)	extrovertímido	Adjetivo
c. roubar (V)	compartilhar (V)	roubartilhar	Verbo
d. não (Adv.)	sim (Adv.)	nim	Advérbio

Fonte: Adaptado de Amorim (2012, p. 9)

Como descritos no quadro 2, *blends* podem ser gerados nas classes dos substantivos, adjetivos, verbos e advérbios. Embora sejam apresentados exemplos de *blends* formados por bases de classes iguais, eles podem ser formados com bases de classes gramaticais diferentes (cf. Andrade, 2008), quais sejam, adjetivo + substantivo (*asquerola* << *asquerosa* + *acerola*), verbo + substantivo (*aborrescente* << *aborrecer* + *adolescente*) etc. De acordo com Silva (2019, p. 19), essa proposta “valida o fato de a classe gramatical das bases não interferir no processo do cruzamento¹⁰”. Em outras palavras, embora a categoria gramatical ainda seja relevante, os *blends* frequentemente envolvem fusão ou sobreposição de partes das palavras originais, criando uma palavra única que pode seguir as categorias gramaticais de uma das bases de onde foi oriunda.

Amorim (2012), então, propõe uma regra para as possíveis combinações morfológicas que as bases podem apresentar para gerar um *blend*, além de apontar uma análise combinatória que o fenômeno pode assumir, como apresentado em 3:

$$(3) [X_{(S)(A)(V)} + Y_{(S)(A)(V)}] = [Z_{(SS),(SA),(SV),(AS),(AA),(VS),(VV)}]$$

Fonte: Amorim (2012, p. 9)

Amorim (2012) discute que a língua portuguesa só admite essas possíveis combinações. No entanto, o autor admite que “esta análise combinatória não é total uma vez que não ocorrem todas as combinações possíveis” (Amorim, 2012, p. 9). Podemos atestar este argumento a partir dos nossos dados, pois encontramos um *blend* adverbial,

¹⁰ A autora denomina o processo como cruzamento vocabular.

(cf. exemplo *d* do quadro 2 acima). Encontramos, também, um *blend* formado por uma base antroponímica e uma base adverbial, *Dilmais* (*Dilma* + *mais*). Porém, apesar de acionar uma base adverbial para qualificar a base antroponímica (cf. Silva, 2019), o *blend* resulta em um substantivo. Em nossos dados, ainda, encontramos um exemplo de *blend* formado por uma onomatopeia mais um substantivo, *aumigo* (*au* + *amigo*), e um exemplo formado por um pronome mais um substantivo, *euquipe* (*eu* + *equipe*). Apesar disso, estes exemplos, embora formados por, pelo menos, uma base com onomatopeia e por um pronome, respectivamente, resultam em *blends* substantivos.

Encontramos, igualmente, exemplos de *blends* formados por uma sigla mais um adjetivo ou substantivo, como *abralindos* que mescla a sigla *Abralin* (Associação Brasileira de Linguística) com o adjetivo *lindo(s)*; *bradescravo* que mescla a sigla *Bradesco* (Banco Brasileiro de descontos) com o substantivo *escravo* e *BBBzenda*, que mescla a sigla *BBB* (*Big Brother* Brasil) com o substantivo *fazenda*. Dessa forma, conforme suscitado por Amorim (2012), a análise combinatória na formação de um *blend* passa por uma ampliação a partir da que foi feita, por ele, anteriormente. Esses dados são exemplos contundentes, porque apontam para mais uma diferença entre *blends* e compostos: os primeiros aparentam ser mais flexíveis com relação ao seu padrão morfológico.

Com a ampliação da análise combinatória na formação de *blends*, observamos que essas formações vocabulares no PB não se esgotam em formações por classes gramaticais, podendo ser criadas por outras categorias morfológicas como a onomatopeia e a siglagem. Ressaltamos, ainda, que essas formações encontradas em nossos dados, embora aparentem não ser produtivas, apontam para o fato de que é possível gerar *blends*, não só por classes gramaticais iguais e diferentes entre as bases, mas também por diferentes categorias. Em suma, os *blends* “partem da unificação de materiais morfológicos, mas não da mesma categorização” (Amorim, 2012, p. 7). É importante frisar, também, que, como a recorrência dos *blends* é expressiva na língua (cf. Braga; Pacheco; Rocha, 2022), essa análise combinatória pode ter ampliação futuramente.

Acerca do caráter semântico dos compostos, Sandmman (1997) descreve-os enquanto endocêntricos e exocêntricos. Para aqueles, o autor define um composto cujo sentido remete a uma ou às duas palavras de que são oriundos, como *peixe-agulha* (peixe se refere diretamente ao objeto que designa). Para estes, a sequência toda do composto é empregada figura ou metaforicamente, distanciando-se, desse modo, das palavras que o designa, como *perna-de-moça*, em que “o núcleo *perna* não se refere isoladamente a peixe, porém só o todo tem peixe como referente” (Sandmann, 1997, p. 43, grifo do autor).

- | Algumas considerações sobre o *status* dos *blends* no léxico do português brasileiro

Andrade e Rondinini (2016) respaldam-se em Rio-Torto e Ribeiro (2012) para explicar que muitos compostos podem ser endocêntricos categorial e morfológicamente, e exocêntricos semanticamente, por exemplo, *pé de galinha* que denota ruga no canto dos olhos. Para Andrade e Rondinini (2016, p. 868), neste exemplo, há uma “cabeça categorial e morfológica, pé, que não funciona como cabeça semântica, já que o composto como um todo não é hipônimo de nenhum de seus constituintes”. Ainda, segundo eles, é viável que haja compostos, como *cabeça-chata* (refere-se a alguém que nasceu no Nordeste, especificamente na região do Ceará), que podem ser morfológica e semanticamente exocêntricos, mas endocêntricos no âmbito categorial.

No que tange aos processos de composição, Kehdi (1997, p. 35) descreve a composição como “um processo de formação lexical que consiste na criação de palavras novas pela combinação de vocábulos já existentes”. Com, apenas, esta definição, poderíamos afirmar que o *blend* se caracterizaria como uma composição. No entanto, o autor assinala que, numa palavra composta,

Os elementos primitivos perdem a significação própria em benefício de um único conceito, novo, global. Um substantivo como *amor-perfeito* designa uma flor e, em qualquer contexto em que figure, pode comutar com uma palavra simples, como *rosa*, *margarida* ou *cravo*. Referimo-nos, naturalmente a uma comutação formal – isso não significa que esses nomes sejam sinônimos (Kehdi, 1997, p. 35).

Com base no argumento de Kehdi (1997), constatamos, portanto, que, na formação de palavras por composição, majoritariamente, a palavra resultante não remete às suas bases de origem. Diferente do significado dos *blends* que, quase sempre, remete às bases dos quais foram oriundos. A palavra *advogada* significa uma mulher que exerce a profissão de advogada e é considerada muito bonita (o substantivo ‘gata’ pode ser usado como um termo informal para elogiar uma mulher). Neste exemplo, as duas bases serviram de parâmetro para o significado da palavra resultante.

Andrade e Rondinini (2016) – já se distinguindo de Marangoni Jr. (2021) – defendem que os compostos regulares se afastam dos *blends*, pois aqueles podem se dissociar, total ou parcialmente, dos significados de suas bases, como em *pé-de-moleque*, semanticamente exocêntrico e *pele-vermelha*, semanticamente endocêntrico. Por outro lado, *blends*, segundo eles, serão sempre endocêntricos, pois, “graças à fusão eminente de suas bases, impõem uma leitura/interpretação composicional, uma vez que expressam, predominantemente, atitude avaliativa do falante em relação ao referente: boadrasta (boa + madrasta), marginata (marginal + magnata)” (Andrade; Rondinini, 2016, p. 881).

Contudo, alguns *blends* aparentam ter caráter exocêntrico, a exemplo de *bruboi* (*Brumado* + *boi*) que se refere a um restaurante, localizado na cidade de Brumado/BA. Os falantes, oriundos dessa região, ao produzir esse *blend*, associam a palavra formada ao estabelecimento e não às bases de onde foi oriunda. Braga (2023) realizou um trabalho sobre percepção para atestar o reconhecimento dos *blends* do PB por parte dos falantes nativos. O estudioso mostrou que *blends* que remetem a lugar ou estabelecimento tendem a ter o significado distanciado de suas bases de origem¹¹. Sendo assim, esses dados levantam a hipótese de que *blends* nem sempre serão exocêntricos como defendem Andrade e Rondinini (2016). Braga (2023) defende que, em termos semânticos, compostos e *blends* parecem estar num *continuum*, em que os primeiros são mais exocêntricos ao passo que os segundos apresentam um caráter mais endocêntrico.

Algumas abordagens cognitivistas (cf. Kemmer, 2003; Lahlou; Abdullah, 2012, 2021) discutem que os aspectos fonológicos dos *blends* podem ser explicados por meio da metonímia, pois os fragmentos que compõem o fenômeno fornecem acesso às bases que lhes deram origem. Se tomarmos o *blend portunhol* (*português* + *espanhol*) como exemplo, seguindo tal abordagem, *portu-* e *-nhol*, além de não serem morfemas, são as partes fonológicas escolhidas para o nível fonético e irão desencadear o significado de que o *blend* necessita. Lahlou e Ho-Abdullah (2021, p. 1691, tradução própria) defendem que

[...] compostos e *blends* não são apenas uma fusão de lexemas ou porções de lexemas, mas também uma fusão de conceitos. Em outras palavras, os significados das palavras se fundem e assim se expandem para novos significados¹².

Mediante essas abordagens, é possível notar a grande complexidade que é o *blend* e sua relação com os compostos. Assumimos, portanto, neste trabalho, que o fenômeno se diferencia dos compostos, uma vez que os aspectos semântico-fonológicos, critérios importantes em sua investigação, são motivados sob um viés distinto ao dos compostos regulares: em termos fonológicos, os *blends* tendem a suprimir material fônico (segmental e/ou silábico) e compostos mantêm a integridade fonológica na forma resultante e, em termos semânticos, *blends* tendem a ser mais endocêntricos, enquanto muitos compostos podem ser exocêntricos.

11 Marangoni Jr. (2021), ainda, traz o exemplo *matel* (*mato* + *motel*) como *blend* exocêntrico, que, também, remete a um lugar. Entretanto, acreditamos que essa palavra merecia ter uma análise mais aprofundada como forma de atestar se os falantes associam o *blend*, diretamente, a um lugar ou porque remete às bases que estão envolvidas em sua formação.

12 No original: “Compounds and blends are not only a fusion of lexemes or portions of lexemes but also a merging of concepts. In other words, meanings of words merge and so expand to new meanings”.

- | Algumas considerações sobre o *status* dos *blends* no léxico do português brasileiro

Com base em tudo que foi discutido, até aqui, acerca do fenômeno, evidenciamos que, embora seja considerado um processo, tipicamente, morfológico, sua formação é gerida por questões semânticas e fonológicas. Além disso, como se trata de um fenômeno que une duas palavras para formar uma terceira, o *blend* apresenta divergências e convergências com o processo da composição. Apesar de todas essas discussões feitas, trazemos de volta a pergunta levantada no início desta seção: qual o lugar do *blend* no léxico?

Antes de tudo, precisamos entender que o *blend* é um fenômeno neológico que cria palavras novas na língua a partir de outras que já existem. Sobre o caráter neológico do processo, mesmo sendo formado por duas bases, podemos nos respaldar em Serra (2018, p. 138) quando afirma que neologismo “pode ser uma palavra nova, ou ainda, pode ser uma nova acepção dada a uma já existente”. Neste sentido, *blends* existem pela necessidade que o falante tem em significar algo ou alguém a partir das bases de que são oriundos.

Além disso, ao juntar duas bases para formar uma terceira, o falante propõe a significação de duas coisas em uma só palavra e isso resulta em uma condição avaliativa, jocosa, como defende Marangoni Jr. (2021). Esta avaliação pode ser considerada pelo *fator humorfológico* (Basílio, 2005), ou mais que isso, pois “o valor expressivo do cruzamento vocabular esclarece esse objetivo por meio não só do fator humorfológico, mas de todos os cruzamentos que veiculam um sentimento ou uma avaliação por parte do falante” (Silva, 2019, p. 34).

Ao tomarmos, como base, os aspectos que envolvem o *blend*, quais sejam, fonético-fonológico, morfossintático e semântico-pragmático, evidenciamos que ele passa pelos mesmos processos que toda palavra passa para garantir sua lexicalização na língua: i- adapta-se às regras fonotáticas de um sistema linguístico; ii- segue os padrões morfosintagmáticos para determinar a classe gramatical da palavra e iii- existe a partir de um contexto semântico-pragmático que o falante desenvolve. Os *blends* formados por uma base da língua nativa com um *blend* de outra língua (cf. quadro 3) evidenciam, ainda mais, estas constatações:

Quadro 3. *Blends* formados por uma base do PB + base estrangeira

<i>Blend</i>	Fonotaxe	Morfossintaxe	Semântica/pragmática
bolsominion (Bolsonaro + <i>minion</i>)	/boLso'miniuN/	Substantivo (subordinação)	Apelido atribuído a eleitores do político Jair Messias Bolsonaro.
hellcife (<i>hell</i> + Recife)	/xɛu'sifi/	Substantivo (subordinação)	Apelido atribuído à cidade de Recife em dias quentes.
maravigold (maravilhosa + <i>gold</i>)	/maravi'goLdi/	Adjetivo (coordenação)	Linda, deslumbrante ¹³ .

Fonte: Elaboração própria

A partir do quadro 3, podemos observar que a lexicalização dos *blends* passa por todo o processo natural que um sistema linguístico dispõe. Com relação à lexicalização dos compostos, Villalva (1994, p. 296) constata que os “compostos por justaposição sofrem apenas uma lexicalização semântica [...]”. Parafrazeando a autora, podemos inferir que os *blends* sofrem não só lexicalização semântica, mas também lexicalização formal, isto é, há supressão e/ou compartilhamento em sua estrutura morfológica¹⁴.

Diante de todas as discussões sobre divergências e convergências entre os processos, defendemos que os *blends* se distinguem dos compostos por todos os argumentos, aqui, trazidos. Mais que isso, respaldados em Adams (1973) que considera a operação morfológica como um tipo diferente de formação de palavras, assumimos que os *blends*, tanto quanto a composição (cf. Ralli, 2010), pertencem ao grupo dos processos de formação de palavras¹⁵, conforme descreve a figura 1:

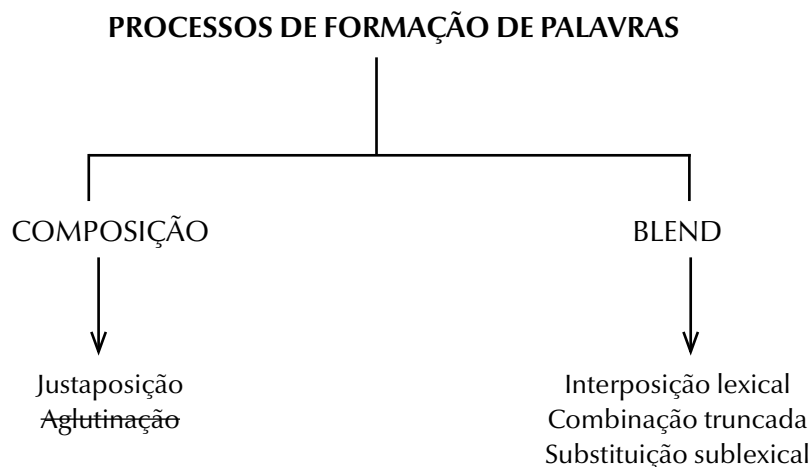
13 O *blend* *maravigod* surgiu na internet, quando uma garota, Tatielly Lima, postou um vídeo e usou a palavra. O Significado dado, aqui, baseou-se na resposta dada pela garota ao *blend*.

14 Villalva (1994) usa essa afirmação ao tratar sobre o processo da aglutinação.

15 Cabe ressaltar que o processo de formação de palavras abarca mais processos, como a derivação, por exemplo. No entanto, apresentamos apenas a composição, uma vez que tem relação direta com o fenômeno, aqui, analisado que une duas palavras.

- | Algumas considerações sobre o *status* dos *blends* no léxico do português brasileiro

Figura 1. Descrição dos processos de formação de palavras do PB a partir de mais de uma base



Fonte: Elaboração própria

A figura 1 apresenta a relação dos processos de formação de palavras a partir de mais de uma base. De um lado, tem-se a composição, com o seu padrão, **justaposição**, que mantém todos os segmentos em sua formação (*girassol*, *passatempo*). Nossa proposta, então, exclui os **aglutinados**, uma vez que não se trata de um processo produtivo e ativo na língua, além de se comportarem como palavra simples no português atuante por apresentar apenas um acento (cf. Villalva, 2020) e, ainda, não ser um processo pertencente, apenas ao nível morfológico, como já discutimos anteriormente neste artigo.

De outro lado, temos os *blends* que podem ser formados a partir dos padrões de **interposição lexical**, quando apresentam alguma semelhança fônica (*chafé*, *namorido*), **combinação truncada**, quando não compartilham material fônico (*futelama*, *portunhol*) e **substituição sublexical**, padrão que tem uma parte de sua base promovida à condição de palavra e, em seguida, sendo substituída (*boacumaba*, *frátria*).

Apresentadas todas essas discussões acerca das divergências e convergências entre a composição e o *blend*, as constatações feitas sobre ambos os processos apontam que, de fato, a composição está no âmbito da morfologia concatenativa e o *blend* insere-se no campo da morfologia não concatenativa como já assinalavam Gonçalves (2006, 2019), Andrade e Rondinini (2016) e Pereira (2016).

Em vista disso, podemos inferir que, independentemente, da forma como são analisados, todos esses processos contribuem para a ampliação do léxico e o *blend* é um fenômeno que tem ganhado um certo destaque nos últimos anos, dada a sua propagação de uso em diferentes contextos comunicativos, sobretudo nas redes sociais – ambiente de uso muito recorrente entre a maior parte da população atualmente (Braga; Pacheco; Rocha, 2022).

Considerações finais

Neste artigo, analisamos os *blends*, levando em consideração o seu *status* no léxico do PB. Para tanto, observamos que o fenômeno é diferente do processo de composição, uma vez que sua formação é não concatenativa, enquanto os compostos são formados por concatenatividade.

Por serem formados por duas bases, os *blends* se aproximam da composição por justaposição e do processo da aglutinação. No que tange a este último, a proximidade com os *blends* é maior por apresentar algum tipo de supressão em sua formação. No entanto, não fizemos uma análise comparativa entre os aglutinados e o processo estudado neste trabalho, porque consideramos que a aglutinação não é i- um processo produtivo e ativo na língua, além de apresentar um número bastante reduzido de exemplos; ii- por ser um processo lexicalizado na língua como uma palavra simples, isto é, dotado de apenas um acento primário (cf. Villalva, 2020) e iii- e por não ser um processo pertencente apenas à composição, isto é, pode ser observado em situações de sândi externo (cf. Tenani, 2006) por fusão, como em *laranjamarela* (*laranja amarela*) e por apagamento de vogal, a exemplo de *todalegre* (*todo alegre*).

Nesse sentido, traçamos uma discussão entre os *blends* e os compostos justapostos, a fim de apresentar as convergências e divergências entre os processos. A grande semelhança entre eles está no fato de ambos serem formados a partir de duas bases já existentes na língua. Contudo, a composição se dá por meio da concatenação entre as bases, onde uma inicia exatamente no ponto em que a outra termina (cf. Gonçalves, 2006, 2019; Villalva, 2020), mantendo todo corpo fônico no nível fonético, como *cabra-cega*, *cavalo-marinho*. O *blend*, por outro lado, se dá a partir da não concatenação, em que as bases sofrem algum tipo de supressão, seja no nível segmental, seja no nível silábico, como em *marinoivo* (*marido + noivo*) que teve supressão silábica na base da esquerda.

Além disso, as palavras formadas por *blends* tendem a fazer menção às suas bases de origem, configurando-se mais como endocêntricos, enquanto os compostos justapostos são, majoritariamente, exocêntricos (Sandman, 1993; Kehdi, 1997). Sendo assim, ponderamos que os aspectos importantes para análise dos *blends* são o semântico e o fonológico, pois, através deles, podemos apontar o fenômeno como distinto da composição.

Por essa razão, os dois processos, compostos e *blends*, embora apresentem semelhanças entre si, formam palavras de modos diferentes: o primeiro por uma sequência concatenativa e o segundo por uma sequência não concatenativa. Assim, consideramos

- | Algumas considerações sobre o *status* dos *blends* no léxico do português brasileiro

que ambas as operações morfológicas pertencem a um processo superior que é o de formação de palavras criadas por duas bases, onde de um lado encontra-se a composição e seu subtipo (justaposição) e do outro, o *blend* com seus diferentes padrões (interposição lexical, combinação truncada e substituição lexical). Com isso, nossa hipótese parece ter sido confirmada.

Referências

ADAMS, V. **An introduction to modern English word-formation**. London: Longman, 1973.

ALVES, I. M. **Neologismo**. São Paulo: Ática, 1990.

AMORIM, G. S. O dinamismo linguístico dos cruzamentos vocabulares: algumas motivações morfo-fonético-sintático-semânticas. **GELNE. Anais da Jornada do Grupo de Estudos Linguísticos do Nordeste**, Natal, p. 1-11, 2012.

ANDRADE, K. E.; RONDININI, R. B. Cruzamento vocabular: um subtipo da composição? **DELTA. Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada**, São Paulo, p. 861-887, 2016.

ANDRADE, K. E. **Uma análise otimalista unificada para mesclas lexicais do Português do Brasil**. 2008. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

ARNDT-LAPPE, S.; PLAG, I. The role of prosodic structure in the formation of English blends. **English Language and Linguistics**, v. 17, n. 4, p. 537, 2013.

BASÍLIO, M. A fusão vocabular como processo de Formação de Palavras. **Anais do IV Congresso da ABRALIN**, 2005.

BASÍLIO, M. Cruzamentos vocabulares: o fator humorfológico. **X Congresso da ASSEL-RIO**, Rio de Janeiro, 2003.

BECHARA, E. **Moderna Gramática Portuguesa**. 37. ed. rev. ampl. e atual. conforme o Novo Acordo Ortográfico: Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.

BRAGA, E. V. **Blend, 'a mistura que todo mundo gosta':** uma blendescção do processo no léxico do português brasileiro. 2023. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, 2023.

BRAGA, E. V.; PACHECO, V.; ROCHA, W. J. C. A relação entre conhecimento, uso e faixa etária de *blends* por falantes nativos do PB. **Revista (Con)textos Linguísticos**, Vitória, v. 16, p. 205-224, 2022.

CIPRO NETO, P.; INFANTE, U. **Gramática da Língua Portuguesa**. São Paulo: Scipione, 2008.

CUNHA, C. **Nova Gramática do Português Contemporâneo**. 4. ed. Rio de Janeiro: Lexicon Editora Digital, 2007.

GONÇALVES, C. A. **Morfologia**. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2019.

GONÇALVES, C. A. **Atuais tendências em formação de palavras**. São Paulo: Contexto, 2016.

GONÇALVES, C. A. Usos morfológicos: os processos marginais de formação de palavras em português. **Gragoatá**, Niterói, n. 21, p. 219-241, 2 sem. 2006.

GONÇALVES, C. A. Processos morfológicos não concatenativos do português brasileiro: formato prosódico e latitude funcional. **Alfa (ILCSE/UNESP)**, Araraquara, v. 48, n. 2, p. 30-66, 2004.

GONÇALVES, C. A. *Blends* lexicais em português: não-concatenatividade e correspondência. **Veredas (UFJF)**, Juiz de Fora, v. 7, n. 1 e n. 2, p. 149-167, 2003.

KEHDI, V. **Formação de palavras em português**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1997.

KEMMER, S. Schemas and Lexical Blends. In: CUICKENS, H. *et al.* (org.). **Motivation in Language**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2003.

LAHLOU, H.; HO-ABDULLAH, I. The fine line between compounds and portmanteau words in English. **Journal of Language and Linguistic Studies**, v. 17, n. 4, p. 1684-1694, 2021.

- | Algumas considerações sobre o *status* dos *blends* no léxico do português brasileiro

LAHLOU, H.; HO-ABDULLAH, I. **A Cognitive Approach to Compounds and Blends: Revising the linguistic approach to blends.** Germany: LAP LAMBERT Academic Publishing, 2012.

MARANGONI JÚNIOR, C. E. **A blendividade na formação de palavras: a derivação dos *blends* na interface entre morfologia, fonologia e pragmática.** 2021. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Semiótica e Linguística Geral, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2021.

PIÑEROS, C. E. **Word-blending as a case of non-concatenative morphology in spanish.** Rutgers: Rutgers University, 2000.

PLAG, I. **Word-Formation in English.** 2. ed. Cambridge: Cambridge Textbooks in Linguistics, 2018.

RALLI, A. Compounding versus derivation. *In*: SCALISE, S.; VOGEL, I. (ed.). **The Benjamins Handbook of Compounding.** Philadelphia: John Benjamins Publishing, 2010.

RIO-TORTO, G. Blending, cruzamento ou fusão lexical em português: padrões estruturais e (dis)semelhanças com a composição. **Filologia e Linguística Portuguesa**, São Paulo, v. 16, n. 1, p. 7-29, 2014.

RIO-TORTO, G.; RIBEIRO, S. **Compounding in contemporary Portuguese.** Probus, 2012.

ROCHA, L. C. A. Criação lexical: processos produtivos no português contemporâneo. **Revista de Estudos de Língua Portuguesa**, Belo Horizonte, v. 2, n. 2, p. 29-56, 1983.

SAID ALI, M. **Gramática Histórica da Língua Portuguesa.** 6. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1966.

SANDMANN, A. J. **Morfologia Lexical.** São Paulo: Contexto, 1997.

SANDMANN, A. J. **Morfologia Geral.** 2. ed. São Paulo: Contexto, 1993.

SCHWINDT, L. C. **O prefixo no Português Brasileiro: análise morfofonológica.** 2000. Tese (Doutorado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul, 2000.

SERRA, L. H. A neologia literária no universo poético de Ferreira Gullar: uma leitura de neologismos. **Revista do GELNE**, Natal, v. 20, p. 136-149, 2018.

SILVA, V. B. **O cruzamento vocabular formado por antropônimos**: análise Morfológica e Fonológica. 2019. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.

SILVEIRA, C. M. F. **Cruzamento vocabular em português**: acaso ou processo? 2002. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2002.

TENANI, L. Domínios prosódicos no Português Brasileiro: evidências rítmica, entoacional e segmental. **Estudos Linguísticos**. São Paulo, p. 118-131, 2006.

VILLALVA, A. Composição. *In*: RAPOSO, E. B. P. *et al.* (org.). **Gramática da Língua Portuguesa**. Lisboa, Portugal: Centro de Linguística da Universidade de Lisboa – Fundação Calouste Gulbenkian, 2020.

VILLALVA, A.; GONÇALVES, C. A. V. The phonology and morphology of word formation. *In*: WETZELS, L. *et al.* **The Handbook of Portuguese Linguistics**. 1. ed. Oxford: Wiley Blackwell, 2016. v. 1, p. 167-187.

VILLALVA, A. **Estruturas Morfológicas**: unidades e hierarquias nas palavras do Português. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1994.

COMO CITAR ESTE ARTIGO: BRAGA, Emerson Viana; PACHECO, Vera. Algumas considerações sobre o *status* dos *blends* no léxico do português brasileiro. **Revista do GEL**, v. 21, n. 1, p. 54-78, 2024. Disponível em: <https://revistadogel.gel.org.br/>.

Submetido em: 30/01/2024 | Aceito em: 18/03/2024.
